



Roda de Conversa

O TRABALHO VOLTADO PARA ESTUDANTES COM TEA: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

Tatiane Maia de Freitas
Claudia Cristina dos Santos Andrade



Editora
CAP-UERJ

The logo for Editora CAP-UERJ, featuring a stylized 'E' icon to the left of the text 'Editora' and 'CAP-UERJ' stacked vertically.

Roda de Conversa

**O TRABALHO VOLTADO PARA
ESTUDANTES COM TEA: ESTRATÉGIAS
DISCURSIVAS**



UERJ-UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES (CEH) INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA (CAp-UERJ) PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE ENSINO EM EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEB)

Reitora: Gulnar Azevedo e Silva

Vice-reitor: Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues

Diretora do CAp-UERJ: Mônica Andréa Oliveira Almeida

Vice-Diretora: Deborah da Costa Fontenelle

Coordenadora do PPGEB: Maria Cristina Ferreira dos Santos

Vice-coordenador do PPGEB: Leonardo Freire Marino

Coordenador de Editoração (NEPE)

Alexandre Xavier Lima

Conselho editorial

Prof. Alexandre Xavier Lima

Prof^ª. Deborah da Costa Fontenelle

Prof^ª. Elizandra Martins Silva

Prof^ª. Juliana de Moraes Prata

Comissão Científica

Angélica Maria Reis Monteiro (U. PORTO)

Daniel Suárez (UBA)

Edmea Santos (UFRRJ)

Jorge Luiz Marques de Moraes (CPII)

José Humberto Silva (UNEB)

Marcus Vinicius de Azevedo Basso (UFRGS)

Rogério Mendes de Lima (CPII)

Waldmir Araujo Neto (UFRJ)

Banca Examinadora

Claudia Cristina dos Santos Andrade (Orientadora)- UERJ

Marcus Vinicius Oliveira Borges (Co-orientador) UFBA

Jonê Carla Baião (Examinadora Interna) UERJ

Cristina Corais (Examinadora Externa) ISERJ

Roda de Conversa

O TRABALHO VOLTADO PARA ESTUDANTES COM TEA: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

TATIANE MAIA DE FREITAS
CLAUDIA CRISTINA DOS SANTOS ANDRADE

NÚCLEO DE EXTENSÃO, PESQUISA E EDITORAÇÃO - NEPE

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUIÇÃO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA-CAP-UERJ

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE ENSINO EM EDUCAÇÃO BÁSICA - PPGEB



NEPE
Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira



Roda de Conversa

O TRABALHO VOLTADO PARA ESTUDANTES COM TEA: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

ÁREA: EDUCAÇÃO E ENSINO

PÚBLICO-ALVO: PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

AUTORAS: TATIANE MAIA DE FREITAS E CLAUDIA CRISTINA DOS
SANTOS ANDRADE

IMAGENS: DOMÍNIO PÚBLICO (CANVA) E ACERVO DA AUTORA

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CAP/A

F866 Freitas, Tatiane Maia de

O trabalho voltado para estudantes com TEA: uma perspectiva
discursiva /

Tatiane Maia de Freitas, Claudia Cristina dos Santos Andrade. – Rio de
Janeiro: CAP-UERJ, 2024.

48 p.: il.

Produto educacional elaborado no Mestrado Profissional do
PPGEB/CAP/UERJ.

ISBN: 978-65-81735-84-5 (e-book)

1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Educação básica. 3. Estratégia
pedagógica I. Andrade, Claudia Cristina dos Santos. II. Título.

CDU 372.851

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese/dissertação,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

2024

1ª EDIÇÃO

EDITORA CAP-UERJ

RUA BARÃO DE ITAPAGIPE, 96

RIO COMPRIDO – RJ CEP 20.261-005

HTTP://WWW.CAP.UERJ.BR/SITE

SUMÁRIO

1. Apresentação	07
2. Por que uma roda?	09
3. Metodologia Narrativa: Reflexões e Práticas na Educação de Estudantes com TEA.	10
4. A teoria na roda: fundamentos	11
5. Princípios da Roda	12
6. Resumindo	14
7. Entrando na roda: “Redescobrir o gosto e o sabor da festa”	16
8. O suor da vida no calor de irmãos”: participantes da roda	19
9. “Tudo principia na própria pessoa”: começando a roda	20
10. “Jogo do trabalho na dança das mãos”: interlocução	21
11. “Redescobrir o sal que está na própria pele”: da pesquisa à prática, da prática à pesquisa	35
12. Vai como a criança que não teme o tempo .../Amor se fazer é tão prazer que é como fosse dor...	46
13. As autoras	47
14. Referências	48



Apresentação

O que significa ensinar e aprender em perspectiva discursiva?

De que maneira nossas práticas pedagógicas podem se transformar ao serem colocadas sob a luz da escuta, do diálogo e da reflexão crítica?

Este E-Book é um convite para explorar essas questões e para pensar a educação como um ato colaborativo, permeado pela linguagem e pela interação humana.

Este Produto Educacional é resultado de uma Roda de Conversa realizada no contexto da pesquisa de mestrado intitulada: “Do Reino do Sentido ao Reino do Significado: intervenções discursivas no trabalho voltado a estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA)”.

Foi pensada como um espaço dialógico para compartilhar os resultados e propor reflexões. Fundamentada na ideia bakhtiniana de que o olhar exotópico, aquele que vem do outro, essencial para a construção de significados, essa roda de conversa ofereceu aos participantes a oportunidade de analisar como o olhar do outro pode ampliar a compreensão sobre as produções e expressões dos estudantes.

O olhar do professor, do colega ou do educador transcende o ato de interpretação. Ele ilumina sentidos que emergem da interação, revelando caminhos únicos de aprendizagem e desenvolvimento.



Nesta Roda de Conversa, educadores foram convidados a analisar os dados da pesquisa, compartilhar suas próprias experiências e práticas pedagógicas voltadas a estudantes com TEA e, sobretudo, a refletir sobre os desafios e as potencialidades de suas intervenções educativas. A linguagem, como eixo central desse processo, foi explorada não apenas como ferramenta, mas como uma força constitutiva das interações humanas e do desenvolvimento.

O e-book que você tem em mãos não é apenas um relato acadêmico. Ele é, antes de tudo, um espaço de troca e de provocação. Como professores, carregamos a necessidade de espaços seguros onde possamos falar e escutar, refletir e construir, desconstruir e reconstruir nossas práticas. O diálogo entre colegas de profissão é mais do que uma troca de saberes: é um movimento que fortalece nossa atuação pedagógica e nos permite transformar os desafios do cotidiano em oportunidades de crescimento.

Ao navegar pelas páginas deste e-book, você encontrará reflexões, relatos e provocações que emergiram desta experiência coletiva. Mais do que oferecer respostas prontas, ele busca fomentar perguntas que nos levem a repensar nossas ações, especialmente no que se refere ao trabalho com estudantes com TEA.

Que este material possa servir de inspiração e suporte, alimentando o desejo de continuar dialogando, aprendendo e ensinando, em uma perspectiva que reconheça a importância do professor enquanto agente de transformação.



Por que uma roda?

A Roda de Conversa teve como objetivo principal identificar estratégias pedagógicas voltadas ao trabalho com, na e para a linguagem, em uma perspectiva discursiva, tal como apresentada por Goulart, Muniz e Corais (2019). Esse enfoque está alicerçado na teoria da enunciação do Círculo de Bakhtin e nos estudos de Vigotski (2009, 2018) sobre a relação intrínseca entre pensamento e linguagem. A intenção foi proporcionar um espaço de escuta, troca e análise, no qual educadores pudessem refletir coletivamente sobre práticas pedagógicas significativas para estudantes com TEA.

Para isso, organizamos os slides utilizados na ocasião, juntamente com as reflexões e as contribuições dos professores participantes. Essa abordagem visa não apenas documentar o diálogo, mas também oferecer aos leitores provocações e subsídios para repensarem suas próprias práticas educativas em uma perspectiva dialógica.

Esperamos que este material seja uma ferramenta inspiradora para educadores e educadoras que, como nós, acreditam na potência do diálogo como eixo central do trabalho pedagógico e no papel transformador da linguagem no desenvolvimento humano.

Com carinho,

*Professoras Tatiane Maia de Freitas e
Claudia Cristina dos Santos Andrade*



Metodologia Narrativa: Reflexões e Práticas na Educação de Estudantes com TEA

A pesquisa teve como sul a Metodologia de Pesquisa Narrativa, embasada em Reis (2023), Prezotto, Chautz e Serodio (2015), Serodio e Prado (2017), e Mello e Miranda (2018). Essa abordagem permitiu que se registrasse e analisasse as interações e práticas pedagógicas com os participantes, dois estudantes com TEA, cada um inserido em um contexto educacional diferente.

O primeiro estudante frequentava uma escola da rede privada, em que a atuação esteve voltada à mediação escolar para favorecer o engajamento e o aprendizado.

O segundo estudante é egresso do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), e foi acompanhado nas diferentes disciplinas do currículo regular, em colaboração com os docentes, tendo como eixo o coensino (Marin, Braun, 2016). Embora os cenários fossem relevantes, o foco esteve sempre nas singularidades e nas interações desses dois estudantes, explorando como as práticas discursivas contribuíam para enriquecer suas trajetórias educacionais.

A abordagem metodológica adotada utilizou a narrativa como ferramenta formativa, tanto para documentar as experiências de ensino quanto para fomentar a reflexão crítica dos docentes envolvidos. Baseando-se na Teoria da Enunciação de Bakhtin, a pesquisa valorizou o diálogo e a troca entre os educadores, reconhecendo suas vivências como elementos centrais para a formulação de práticas inclusivas e dialógicas.



A teoria na roda: fundamentos

Moura e Lima (2014, p. 28) refletem sobre como, ao pensarmos em roda de conversa, nos vem a cabeça o encontro informal de pessoas para conversas informais, em que as pessoas podem compartilhar desde receitas até alegrias e tristezas, enfatizando a singularidade do momento.

É assim também a Roda de Conversa, quando utilizada como instrumento de pesquisa, uma conversa em um ambiente propício para o diálogo, em que todos possam se sentir à vontade para partilhar e para escutar, de modo que o falado, o conversado, seja relevante para o grupo, suscitando, inclusive a atenção na escuta. No contexto da Roda de Conversa, o diálogo é um momento singular de partilha, porque pressupõe um exercício de escuta e fala.

E na percepção de que uma roda de conversa agrega vários interlocutores, os momentos de escuta são mais numerosos que os momentos de fala. As colocações de cada participante são construídas a partir da interação com o outro, sejam para complementar, discordar, sejam para concordar com a fala imediatamente anterior. Conversar, nesta acepção, remete à compreensão de mais profundidade, de mais reflexão, assim como de ponderação, no sentido de melhor compreensão de franco compartilhamento.



Princípios da Roda:

Vinculado à área de concentração n.º 46 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) – Área de Ensino e à linha de pesquisa Ensino Fundamental I, o produto educacional está associado ao Grupo de Estudos em Práticas Educativas, Juventudes e Infâncias (GEPEJI). Possui nível de impacto alto, tendo em vista o pouco material disponível referente ao trabalho voltado a estudantes com TEA em perspectiva discursiva. Por ter grande abrangência, as possibilidades de replicabilidade e compartilhamento da Roda podem ser amplamente popularizadas e difundidas, configurando-se como um espaço de formação contínua de professores.

A Roda de Conversa não apenas proporciona momentos de troca de experiências e reflexão crítica sobre práticas pedagógicas, mas também fomenta o desenvolvimento profissional dos educadores, ampliando seus repertórios e possibilitando novas abordagens no trabalho com estudantes com TEA. Ao promover um ambiente colaborativo e dialógico, fundamentado nas teorias bakhtinianas e vigotskianas, ela contribui para a construção de práticas mais inclusivas, reflexivas e ancoradas em uma perspectiva discursiva que valoriza a singularidade e a interação social como elementos centrais do processo educativo.

Além disso, a roda atua como catalisadora de novas discussões e questionamentos, incentivando a criação de redes de apoio entre os profissionais da educação e promovendo uma visão de ensino que não se limita a adaptações pontuais, mas que busca transformar a prática pedagógica por meio da escuta sensível e do diálogo permanente.



Possui complexidade média, considerando os aspectos logísticos e organizacionais envolvidos. No caso de ser realizada presencialmente, é fundamental comunicar, divulgar e solicitar permissão do local onde ocorrerá a roda, como escolas, universidades ou espaços de formação. Essa etapa requer planejamento antecipado e alinhamento com os responsáveis pelos espaços.

No formato online, é necessário definir e divulgar a plataforma digital que será utilizada, considerando sua acessibilidade e a familiaridade do público com a ferramenta escolhida. Além disso, deve-se selecionar um horário adequado que favoreça a participação dos educadores, assim como elaborar estratégias para gerenciar interações e assegurar a dinâmica dialógica proposta. Em ambos os casos, a preparação de materiais de apoio e a clareza nos convites são fatores essenciais para o sucesso da atividade.



Resumindo...

“A roda de conversa é, dentro da pesquisa narrativa, uma forma de coleta de dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão. É, na verdade, um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, mediante diálogos internos, e, ainda, no silêncio observador e reflexivo.”
(Moura e Lima, 2014, p. 25)



A atividade teve como principal objetivo o compartilhamento e debate dos pressupostos para o trabalho com a linguagem em perspectiva discursiva com estudantes com TEA fossem compartilhados e debatidos, em um movimento de troca, como propõem Prado et al (2011) ao produzir as “Pipocas Pedagógicas”:

“No dia a dia da escola e dos contextos educativos, é comum que profissionais da educação narrem fatos do seu cotidiano escolar entre si. Ao serem escritos, surge um tipo de discurso com muitas marcas individuais aproximado das “crônicas” (Geraldi, 2014, p.90) In: Campos; Prado, 2013) e que denominamos Pipocas Pedagógicas (Prado, 2011; 2013) dos quais fazem parte “memoriais, cartas, depoimentos, relatos, diários, relatórios, crônicas pedagógicas, dentre outros, produzidos com o propósito de compartilhar saberes e experiências da observação da prática dos pares, da discussão coletiva, da leitura, do estudo e também da pesquisa” (Prado, 2011, p. 150)

Entrando na roda: “Redescobrir o gosto e o sabor da festa”

A música 'Redescobrir' repete muitas vezes o verso “Como se fora brincadeira de roda”. Nela, Gonzaguinha nos leva a refletir sobre a essência humana, em metáforas que remetem à própria vida, como um brincante que mergulha na alma e, ao se redescobrir, descobre também o outro.

A música foi gravada em 1980, por Elis Regina, no álbum “Saudade do Brasil”. Gonzaguinha a escreveu enquanto assistia aos ensaios para o álbum.

Entrando na Roda de Conversa somos embaladas pela canção, redescobrimo, no olhar do outro, novos sentidos sobre o que dizemos. Alguns de seus versos dão títulos a partes do texto que se segue, por isso a transcrevemos.



A roda, Milton Da Costa, 1942.

Fonte: <https://www.sabermais.am.gov.br/odas/obra-roda-1942-milton-dacosta>



Redescobrir Gonzaguinha

Como se fora a brincadeira de roda /Memória!
Jogo do trabalho na dança das mãos /Macias!
O suor dos corpos, na canção da vida/ Histórias!
O suor da vida no calor de irmãos/Magia!
Como um animal que sabe da floresta/ Memória!
Redescobrir o sal que está na própria pele/ Macia!
Redescobrir o doce no lamber das línguas/ Macias!
Redescobrir o gosto e o sabor da festa /Magia!

Vai o bicho homem fruto da semente/Memória!
Renascer da própria força, própria luz e fé /Memórias!
Entender que tudo é nosso, sempre esteve em nós / História!
Somos a semente, ato, mente e voz / Magia!

Não tenha medo meu menino povo / Memória!
Tudo principia na própria pessoa / Beleza!
Vai como a criança que não teme o tempo / Mistério!
Amor se fazer é tão prazer que é como fosse dor / Magia!

Como se fora a brincadeira de roda / Memória!
Jogo do trabalho na dança das mãos / Macias!
O suor dos corpos na canção da vida /Histórias!
O suor da vida no calor de irmãos / Magia!

Como se fora brincadeira de roda
Jogo do trabalho na dança das mãos
O suor dos corpos na canção da vida
O suor da vida no calor de irmãos



A Roda de Conversa recebeu o título “O Trabalho Voltado para Estudantes com TEA: uma proposta discursiva” e tanto o convite quanto os slides foram construídos no site *Canva*. A Roda aconteceu no dia 28 de novembro de 2024, das 18h30 às 20h30 em formato remoto pela plataforma RNP, que pode ser acessada [aqui](#).



CONVIDAMOS PROFESSORES E LICENCIANDOS PARA A
RODA DE CONVERSA
O TRABALHO VOLTADO PARA ESTUDANTES
COM TEA: UMA PROPOSTA DISCURSIVA

TATIANE MAIA DE FREITAS
Ministrante e mestranda (PPGEB CAP/UERJ)

CLAUDIA CRISTINA DOS SANTOS ANDRADE
Orientadora e professora responsável (PPGEB CAP/UERJ)

OBJETIVO DO ENCONTRO
Dialogar com outros/as docentes e a pesquisadora em uma Roda de Conversa, possíveis estratégias de trabalho em perspectiva discursiva na/da linguagem com estudantes autistas, em que situações de interlocução com esse público poderão ser analisadas e discutidas.



A Roda será realizada na modalidade on-line e haverá emissão de certificado.

DATA: 28/11/2024
(QUINTA-FEIRA)
HORÁRIO: ÀS 18h30

Inscrições até 27/11/2024.
LINK DO FORMULÁRIO NA DESCRIÇÃO

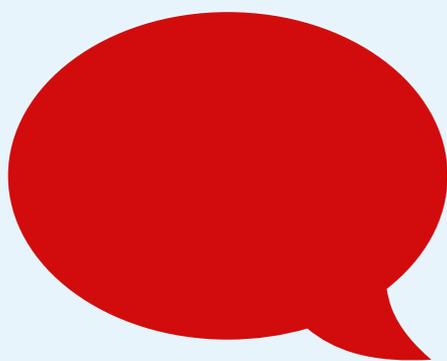
- **Público-alvo: educadores interessados na temática;**
- **Inscrição realizada com resposta à formulário on-line.**



“O suor da vida no calor de irmãos”: participantes da roda

Participaram da Roda de Conversa treze professores inscritos por meio de um formulário do Google Forms. Neste formulário (que está em anexo) havia uma explicação da proposta e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE. Antes do início da Roda, foi solicitada a autorização de gravação, todos os participantes concordaram assinalando sim no bate-papo destinado.



“Tudo principia na própria pessoa”: começando a roda

A Roda de Conversa teve início com uma fala de acolhimento, em que foi apresentada a proposta de criar um espaço coletivo e dialógico. Ressaltou-se que, assim como uma roda que gira, o encontro deveria permitir a circulação das vozes de todos os participantes, tornando aquele espaço verdadeiramente colaborativo.

Em seguida, o videoclipe da música “Vagalume” (Pollo, 2012) foi exibido, marcando o início das reflexões e discussões da roda.

No segundo momento, apresentei o videoclipe da música “Vagalume”(Pollo, 2012), com uma provocação

O QUE ESSA
MÚSICA EVOCA
SOBRE NOSSO
PAPEL COMO
EDUCADORES?



“Como se fora a brincadeira de roda:...”

Bakhtin nos ensina que o olhar exotópico, aquele que vem de fora, do outro, é essencial para a construção de significados.

Quando analisamos as produções e expressões de nossos estudantes, o olhar do outro - do professor, do colega, do educador - nos permite uma compreensão mais ampla, que transcende o próprio ato criativo.

Esse olhar não se limita a interpretar, mas valoriza o sentido que emerge da interação entre os sujeitos, iluminando caminhos de aprendizagem únicos.

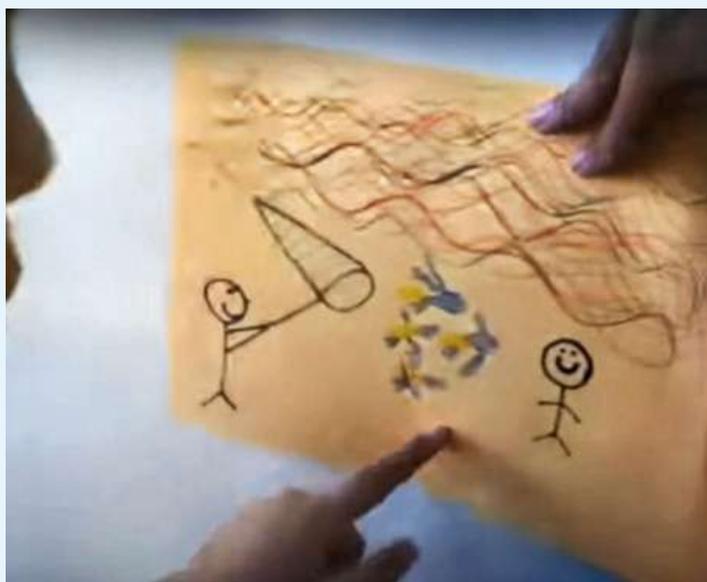
A seguir, apresentamos as narrativas e as reflexões dos educadores a partir da análise de três episódios, que guardam a memória compartilhada, “como se fora brincadeira de roda”.



“...Memória ”

A memória das atividades vivenciadas foi apresentada por vídeos e episódios escritos. O primeiro traz a apresentação de uma atividade realizada com um estudante com TEA, na qual ele aparece cantando a música “Vagalume” (Pollo, 2012).

O diferencial dessa proposta foi permitir que ele representasse a letra da música de uma forma que lhe fosse mais confortável e significativa. Apaixonado por desenhar, o estudante escolheu recriar a canção por meio de desenhos, representando cada detalhe da música com traços que expressavam sua compreensão e criatividade.



Fonte: acervo pessoal da autora (2013)

Ao compartilhar a produção do estudante, foi possível observar como ele ressignificou a letra da música “Vagalume” por meio de sua habilidade com desenhos. Nesse momento, o olhar dos educadores presentes na Roda de Conversa tornou-se essencial, ao dialogar com a produção do aluno, atribuindo-lhe novos significados e promovendo reflexões acerca das práticas pedagógicas.

Narrativa I

RECORTES DA PESQUISA

EPISÓDIO 1

Novas ecolalias se apresentavam no discurso do menino. Durante as aulas era comum que ele cantasse um trecho da música "Lua de Cristal" da Xuxa que diz: "Tudo pode ser, se quiser será, sonhos sempre vem para quem sonhar". No primeiro trimestre daquele ano, foi muito comum a presença deste enunciado, os colegas de turma do P.H, assim como ele, gostavam muito de música e me perguntavam o porquê de o estudante ficar repetindo aquele trecho da música. Com o que o P.H enunciava e com o desejo dos colegas de que o menino cantasse junto com eles, passei a observar quais eram as músicas que os estudantes cantavam e uma dominava as paradas de sucesso daquela turminha- "Vagalumes" (Canção de Pollo). Sugeri ao P.H que ele escutasse a música cantada pelos colegas e fizesse desenhos que representassem o que a letra dizia e assim foi feito, P.H produziu imagens que fizessem sentido para ele e a partir delas fizemos relações com a música.



Provocações...

DE QUE FORMA PODEMOS
NOS TORNAR “VAGALUMES”
NA VIDA DOS ESTUDANTES,
ESPECIALMENTE
CONSIDERANDO SUA
SINGULARIDADE,
RESPEITANDO SUA
DIVERSIDADE?

QUAL A CONEXÃO ENTRE
ESSA IDEIA DE SER GUIA E
AS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS BASEADAS
NO DIÁLOGO E NA
ALTERIDADE



Narrativa II

RECORTES DA PESQUISA

EPISÓDIO 2

(...)entrei em contato com a responsável, que se mostrou um pouco aflita, revelando só ter dormido longe do filho quando este foi a Paraty no 5º ano e quando precisava ficar de plantão no hospital (ela trabalhou como enfermeira). Acolhi a preocupação da mãe e dialoguei com ela sobre a importância que essa viagem poderia ter na vida do A.C, pois era o último ano dele na escola, um menino que ingressou no instituto aos 6 anos de idade e poderia encerrar seu ciclo vivenciando determinadas experiências junto com seus colegas, o que seria enriquecedor.

Destaquei os benefícios que essa experiência poderia trazer ao estudante, tanto em termos de desenvolvimento pessoal quanto de aprendizado prático, uma vez que algumas atividades vinham sendo desenvolvidas com ele ao longo do ano, com a Matemática voltada para o cotidiano.

Levando em consideração algumas preocupações relatadas pela mãe e a fim de garantir a preparação adequada de A.C para a viagem, propus a elaboração de listas de combinados, abordando cuidados pessoais e interações sociais. Essas listas tinham o objetivo não apenas de fornecer orientações claras para ele, como também promover seu senso de autonomia e responsabilidade. Além disso, foram contextualizadas e muito significativas uma vez que refletiam situações e necessidades reais do A.C.



Narrativa III

RECORTES DA PESQUISA

EPISÓDIO 3

Locutor	Fala lembrada pela pesquisadora
Pesquisadora	<i>A.C, foi tão importante a sua ida a Paraty, olha quantas coisas você viveu. Experimentou tantas coisas boas quanto ruins e não eu quem está dizendo isso, foram suas vivências a partir do que decidiu escrever. Nós estamos desde o início do ano fazendo alguns registros seus. O que você acha de escrever sua história desde quando você é pequenininho na escola?</i>
A.C	<i>Eu não consigo lembrar desde quando era pequeno</i>
Pesquisadora	<i>Olha tudo o que você já fez até aqui, é muita coisa. Você disse na abertura das Olimpíadas, que você é o primeiro estudante autista a se formar na escola, você está chegando até aqui provando para si mesmo que é muito capaz. Narrar a sua história é um presente enorme para você, para sua família e para escola como um todo.</i>
A.C	<i>Quero escrever um livro, mas é difícil</i>
Pesquisadora	<i>Mas estamos aqui para te ajudar</i>
A.C	<i>Tá bom!</i>



“Jogo do trabalho na dança das mãos”: interlocução

As falas das participantes foram ao encontro do que estávamos apresentando. Alguns trechos foram transcritos para fazer dançar os sentidos que circularam na roda. Aqui, as professoras serão identificadas por letras.

Eu penso muito em como você foi sensível para entender qual era a forma de comunicação dessa criança, porque você mesma falou: ele gostava muito de desenhar. Porque é isso, às vezes as pessoas estão em busca — quero dizer, nós, professores — da forma que a gente acha que o estudante deve fazer e/ou se comportar, né? E, diante de uma criança que não segue certas convenções, sabe, talvez ela nunca vá se relacionar propriamente dito. Você conseguiu se aproximar naquele momento. Ah, ela gosta de desenhar? Então, acho que vou por esse caminho. Então, eu penso que você “conseguiu realmente encontrar a metodologia adequada, um caminho adequado. É muito mais sobre isso, sobre a possibilidade. Dependendo do contexto, você poderia encontrar outros caminhos, mas você encontrou esse, ouvindo, sendo sensível ao seu estudante. Eu penso dessa forma, né? E eu, que não fui professora dele, estou muito emocionada, porque eu leciono para uma criança autista também, e a gente se aproximou muito também por conta desse respeito aos interesses dessa criança. Estabelecendo limites, mas também sabendo respeitar os interesses dela, me emociona. Obrigada por compartilharmos”

O relato da professora “A”, expressa suas percepções acerca da primeira experiência narrada, com a voz carregada de emoção



A roda girou, com relato da professora “B”, somando uma experiência profissional importante para o que estávamos discutindo

“ Eu posso falar?

Eu tive uma experiência agora com um aluno diagnosticado com autismo não verbal, e a primeira vez que ele foi para a escola foi só agora, no 3º ano, e ele já tinha dez anos. Muito engraçado, ele conseguia socializar com as outras crianças, não falava, mas socializava. Mas, comigo, era muito difícil. Eu me perguntava: O que eu faço? Perguntava para a mediadora: O que eu faço?

No finalzinho de outubro, eu falei com ele assim: “Vem no quadro?” E ele respondia, balançava a cabeça assim: “Não!”. Eu respondia: “Eu entendi, mas vou perguntar de novo, aí você vai levantar e vir, tudo bem?”. Aí ele olhou assim e vinha, ele veio, sabe? E aí a gente criou um vínculo, uma relação. Então falei com ele: Olha, eu vou desenhar para a turma inteira, mas você vai me ajudar, tudo bem? E ele respondia “sim” com a cabeça. Era assim, dessa forma. Então, o B vai me ajudar a desenhar um boneco, pessoal. Eu vou fazer a cabeça e os olhos, porque eu queria ver se ele conseguia reproduzir. E ele fez! Ele fez! Desenhou no quadro.

Então eu disse para ele: Agora, você reproduz no caderno, tá bom, B? Aí ele balançou a cabeça que “sim” e foi para a mesa dele, e reproduziu no caderno. Assim, eu fiquei muito feliz, porque só em outubro ele se revelou, com essa potência, com essa relação comigo.

É um desafio, né? A gente está ali na sala de aula com esses alunos, desejando que eles mostrem essa potencialidade. É um grande desafio.”



**Professora “E”:
usamos múltiplas
linguagens.**

No vídeo em que o P.H. faz a letra da música dele em forma de desenho... Gente, por que não? Quantas pessoas teriam a capacidade de escrever uma letra de música em forma de desenho? Eu, provavelmente, não. Pois é. Sabe o que acontece? A nossa civilização ocidental, branca, cis, heteronormativa tem essas coisas: o texto escrito, o texto acadêmico, esse monte de regras para escrever o texto acadêmico. E aí, quem não está nessa bolha não é considerado intelectual. Lembrando que, em outras sociedades — indígenas, negras — toda a cultura delas foi passada por meio de desenho e pela oralidade.

Então, assim, eu acho que está na hora de a gente começar a dar valor a esse tipo de trabalho. O trabalho da Tati é sobre linguagem. Acho que a gente tem que dar valor às múltiplas linguagens, porque, agora, a gente já fala de múltiplos letramentos. Mas precisamos lembrar que temos múltiplas linguagens e que não devemos colocar uma como melhor que a outra, mas, sim, pensar em como elas podem se complementar.

Um texto com um desenho é muito melhor do que um texto sem um desenho, na minha opinião. Às vezes, né? Às vezes, é bom a gente poder imaginar também. Mas é isso, acho que tem espaço para tudo.

De qualquer maneira, o PH conseguir fazer a letra da música todinha em desenho e a Tati poder ir apontando, ele saber exatamente o que tem que fazer ali... É ele reconhecendo o texto dele! E aquele desenho pode ser um proto-texto escrito.

Porque um não oralizado vai ficar não oralizado a vida inteira? Um não alfabetizado vai ficar não alfabetizado a vida inteira?

A gente tem que saber de onde parte essa linguagem dele para, de certa forma, ajudá-lo a se inserir nessa caixinha da nossa sociedade. Porque também não queremos negligenciar os alunos das oportunidades. Mas sabemos que o caminho não vai ser aquele tati-bitati que a maioria das pessoas segue.”



A Roda seguiu girando, em diálogo, como fez a Professora “C”:

“Acho que tanto o que [a professora A] traz, quanto o que a [professora B] traz tem a ver também com você olhar a criança a partir do que ela é capaz, do que ela pode e não ficar olhando a criança a partir do que ela não consegue ou não pode naquele momento, né?”

Eu tenho experiências com crianças autistas, crianças com diagnóstico de TEA e a gente sempre procura fazer isso na escola onde eu trabalho: olhar para ela do ponto de vista do potencial que ela traz, que ela pode e nesse vídeo a gente percebe que ocorreu assim. Tanto na fala da [professora A] quanto da [professora B] também trazem isso..”



Retomando o primeiro movimento, a Professora “E” utilizou a metáfora do “vagalume” para refletir sobre e analisar a estratégia pedagógica.

“Eu quero, quero falar!

No assunto “vagalume”, é, eu acho que na verdade o que a Tati traz é que o primeiro “vagalume” é o aluno, porque é ele quem ilumina a gente para o caminho que a gente tem que seguir. Para mim é muito complicado quando alguém traz para mim prescrições, assim, a gente tem sugestões, mas prescrições, assim como vocês disseram: É “suporte I”, é assim assado, desculpa, não é. É o aluno no dia-a-dia que vai traçando junto com a gente, então a gente praticamente faz o planejamento com eles, o planejamento coletivo das aulas junto com eles.

Então, respeitar a diversidade é justamente isso, é deixar que ele seja o “vagalume” para depois a gente poder ser junto.”



Uma fala sensível da professora “A”, que relata suas questões pessoais e profissionais, profundamente imbricadas.

“Oi gente, tudo bem?

Que prazer falar com vocês, depois de muito pelear consegui, agora deu certo! Eu “tô” muito feliz por ter recebido esse convite, porque veio de uma pessoa que me é muito querida. Tenho uma situação que está sendo muito desafiadora para mim esse ano. Eu sou professora, sou RU de uma turminha de 3º ano em Minas Gerais.

Tenho uma criança TEA na turma, sou uma professora neurodivergente com o diagnóstico tardio, então tem muitas implicações tudo isso, né? E quando você traz essa pergunta, eu fico pensando muito na nossa prática e essa questão que a colega trouxe agora, de deixarmos as crianças serem nossos “vagalumes”...Porque, essa criança que eu tenho em sala, ela é não verbal, eu não consigo precisar qual o nível de suporte dela, mas foi muito desafiador porque eu gosto de pedir toda a documentação da criança, logo que o ano começa e, a própria família meio que levou para a escola somente a conclusão da avaliação da criança, como se só o que importasse para gente é saber o porquê a criança era daquele jeito.“



Aconteceu uma situação na sala de aula, essa criança tentou me dar uma mordida, se eu não me afastasse ela teria mordido a minha barriga e naquele momento eu vi muita raiva no olho dessa criança...E, isso me incomodou.

A gente já vinha com um trabalho de escrita do nome e aí o que aconteceu? Com essa mordida eu resolvi mudar o foco, me veio uma luz e eu falei assim: eu vou perguntar para essa criança o que que ela quer me contar e aí eu perguntei e ela escreveu a palavra “raiva” no quadro...E nesse dia eu descobri que ela sabia ler e escrever e estava alfabetizada e se comunicava e a família dela não sabia que ela se comunicava, ela era capaz de se comunicar pela escrita e enfim.

Penso que mudou foi o meu olhar de deslocamento né? Eu poderia ter parado na mordida, eu poderia ter parado na agressão, poderia ter feito N coisas. Não sei se eu ter o diagnóstico tardio contribuiu para eu ter uma mudança de olhar...Acho que não!

As crianças que têm laudo, elas ainda...Quando a gente ganha um CID, um CID nunca vem sozinho, ele vem com muita coisa, com muitas implicações e por isso é muito perigoso. O CID é literalmente um carimbo em todas as suas grandezas e depois desconstruir isso é muito difícil. Essa criança ela veio para mim com diagnóstico de Deficiência Intelectual e como que eu falo para essa família que essa criança se comunica? Sem me questionar...

Quando a gente recebe aquilo, a gente recebe como algo que está posto, porque a gente também não conhece a criança, transitar, esse deslocar é muito difícil. Então, eu fiquei muito feliz com esse convite, porque gosto do tema, gosto de Bakhtin, gosto de Vigotski e eu estava precisando falar e quando a gente está entre os pares... Eu não gosto de falar pares eu gosto de falar entre os dispostos, porque é disposição.



Quando a gente está entre os dispostos fica mais leve, ou pelo menos deveria ficar, né? Então acho que nosso lugar é um lugar de deslocamento, um lugar de deslocar. Um lugar de ouvir, de observar, mas um lugar de deslocar.”

Desde então a criança vem em um crescente de desenvolvimento, tudo mudou, tudo o que ela precisava era se comunicar e entender que ela poderia ser entendida, eu não preciso fazer atividades adaptadas para ela e esses dias, ainda ontem eu comentava: a inclusão é complicada porque ela às vezes fica com um “q” de assistencialismo, sabe? Eu estou fazendo essa leitura aqui agora, porque parte-se do princípio de que não sabe, não dá conta.



“Redescobrir o sal que está na própria pele”: da pesquisa à prática, da prática à pesquisa.

A seguir, compartilho os conteúdos apresentados durante a Roda de Conversa, que serviram para nossas reflexões conjuntas. Eles reúnem os resultados da pesquisa, elementos da proposta discursiva e as provocações que impulsionaram nosso diálogo sobre práticas pedagógicas voltadas a estudantes com TEA.



A PARTIR DA PESQUISA, RECONHEÇO E IDENTIFICO AS POSSIBILIDADES DISCURSIVAMENTE ORIENTADAS NO TRABALHO VOLTADO A ESTUDANTES COM TEA.

“Conhecer o sujeito da linguagem e seu entorno sócio-cultural”

“Planejamento escrito”

“Dirigir-se ao outro”

“Interpelar o sujeito”

“Buscar a resposta”

“Trabalhar as múltiplas formas de representação” (música, desenho.....)



FUNDAMENTOS TEÓRICOS

TEORIA HISTÓRICO CULTURAL VIGOTSKI

Desenvolvimento humano
mediado pela linguagem

Compensação da deficiência

Vivência (perijivani)

TEORIA DA ENUNCIÇÃO- CÍRCULO DE BAKHTIN

Dialogismo: o sentido é
construído na relação entre
vozes

Alteridade: reconhecer o outro
como sujeito ativo na construção
do diálogo



O DIALOGISMO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

**COMO PODEMOS CRIAR
AMBIENTES EM QUE OS
SENTIDOS/SIGNIFICADOS
SEJAM CONSTRUÍDOS
CONJUNTAMENTE?**

**Qual o papel do diálogo nos
caminhos traçados dentro
da escola, especialmente
daqueles estudantes com
TEA?**



ALTERIDADE COMO EIXO DA RELAÇÃO EDUCATIVA

O CONCEITO DE ALTERIDADE

“O ser se reflete no Outro, refrata-se A partir do momento em que o indivíduo se constitui, ele também se altera, constantemente(...) Eu apenas existo a partir do Outro”
(GEGe, 2013, p. 13)

DIÁLOGO

“vive-se em um mundo de *palavras do outro*, de tal modo que as complexas relações de reciprocidade com a *palavra do outro em todos os campos da cultura e da atividade* completam toda a atividade do homem” (Bakhtin, 2017, p. 38)

A ALTERIDADE CONSTITUI A LINGUAGEM

“Nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: é produto da interação entre falantes e em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu”
(Bakhtin, 2001, p 79)



O DESENVOLVIMENTO HUMANO É MEDIADO NA/PELA LINGUAGEM

“Vygotsky contribui para a importância da criação e da utilização de signos na constituição da espécie humana, sendo a linguagem o principal deles, inclusive para exprimir o próprio pensamento” (Orrú, 2009, p.91)

“A linguagem portanto proporciona a constituição da atividade psicológica, a transformação e o desenvolvimento do pensamento, sendo constitutiva para o homem e permitindo haver a interação social, a internalização e a generalização de significados”
Orrú(2009, p.96)



COMPENSAÇÃO DA DEFICIÊNCIA

“É necessário lembrar que as leis do desenvolvimento da criança anormal e da criança normal revelam-se, para nós, como uma lei única naquilo que é essencial. O meio desfavorável e a influência que surge no processo de desenvolvimento da criança conduzem, frequentemente e com mais força, a criança com atraso mental a momentos negativos adicionais, que, além de não ajudarem a vencer o atraso, agravam e aumentam sua deficiência inicial. (Vigotski, 2011, p.195)

O desenvolvimento insuficiente das funções superiores está relacionado ao desenvolvimento cultural insuficiente da criança com atraso mental, a sua exclusão do meio cultural circundante e ao abandono da “nutrição” do meio. (Vigotski, 2011, p. 197)



VIVÊNCIA (PERIJIVANI)

Ao elaborar sobre o conceito de vivência, Vigotski enfocou, prioritariamente, o processo de desenvolvimento cultural da criança, buscando mostrar como, nesse processo, generalizam-se e se reestruturam as experiências vividas pela criança, formam-se novas relações da criança consigo mesma, enquanto ela vai (re)conhecendo e refletindo sobre a própria vivência. (Smolka, 2019, p. 24))

“Vivência” é então conceituada como “uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia [...] e por outro lado, como eu vivencio isso (como a criança se relaciona com o meio e significa uma situação)”(Vigotski, 1996b; 2010; 2018 apud Smolka, 2019, p. 24).



“Nessa perspectiva, o nosso objetivo é o desenvolvimento da linguagem da criança autista como atividade constitutiva do sujeito, a partir da mediação exercida pelo professor, em uma perspectiva não reduzida à simples troca de informações ou comunicação mecanizada, mas em situações dialógicas com significado cultural. cremos em um trabalho educativo a partir da relação com o outro, por meio da linguagem, proporcione À criança autista que seja reconhecida como sujeito que também interage, dentro de suas possibilidades e de recursos utilizados” (Orrú, 2009, p.111)



RELAÇÕES DE ENSINO

Ser um interlocutor no processo de ensino-aprendizagem;

Reconhecer a singularidade de cada estudante, respeitando sua história de vida e seus contextos sociais;

Elaborar estratégias que promovam a participação ativa do estudante no diálogo pedagógico



O OLHAR PARA O ESTUDANTE COM TEA NA PERSPECTIVA DISCURSIVA

Superar o olhar patologizante;

Enxergar o estudante para além do diagnóstico;

Construir estratégias baseadas em suas potencialidades, respeitando sempre sua história de vida.



Vai como a criança que não teme o tempo ... Vai roda, gira!

E a roda seguirá girando nos enunciados de cada educador, nas possibilidades de replicabilidade, a partir deste e-book, contribuindo para novos olhares, não só sobre o trabalho com pessoas com TEA, mas para todas as pessoas!

Gratidão!



As autoras



Tatiane Maia de Freitas atua como professora no Instituto de aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), no Departamento de Atendimento Educacional Especializado- DAEE. Formada em Pedagogia pela UFRJ e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Educação Básica - PPGEB/CAP/UERJ. Membro do Grupo de Estudos em Práticas Educativas, Juventudes e Infâncias (GEPEJI). Pesquisa temas como: Autismo, linguagem, relação de ensino e estratégias pedagógicas.

E-mail: maia.tatifreitas1@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5681-3715>



Cláudia Andrade é professora do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, trabalhando com Educação Básica e no PPGEB. Realiza pesquisas nas áreas de ensino de LP, mídias educação, e tem uma queda pelo cinema, coordenando, desde 2012, o projeto CINECAP. Dra em Educação pela USP e Mestre em Educação pela UFF. É líder do Grupo de Estudos em Práticas Educativas, Juventudes e Infâncias (GEPEJI). Pesquisa temas como: Autismo, linguagem, relação de ensino e estratégias pedagógicas.

e-mail: claudiandrade1466@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6253-9373>



Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. O FREUDISMO: UM ESBOÇO CRÍTICO. TRAD. PAULO BEZERRA. SÃO PAULO: PERSPECTIVA, 2001

BAKHTIN, M. FRAGMENTOS DOS ANOS 1970-1971. IN: BAKHTIN, M. NOTAS SOBRE LITERATURA, CULTURA E CIÊNCIAS HUMANAS ORGANIZAÇÃO, TRADUÇÃO, POSFÁCIO E NOTAS DE PAULO BEZERRA; NOTAS DA EDIÇÃO RUSSA DE SÉRGUEI BOTCHAROV. SÃO PAULO: EDITORA 34, 2017, P.21-56.

BRAUN. P. VIANNA. M. ENSINO COLABORATIVO: UMA POSSIBILIDADE DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO. REVISTA LINHAS. FLORIANÓPOLIS, V. 17, N. 35, P. 193- 215, SET. /DEZ. 2016. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.REVISTAS.UDESC.BR/INDEX.PHP/LINHAS/ARTICLE/VIEW/1984723817352016193](https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723817352016193). ACESSO EM: JAN. 2023

ORRÚ, SÍLVIA ESTER. AUTISMO, LINGUAGEM E EDUCAÇÃO: INTERAÇÃO SOCIAL NO COTIDIANO ESCOLAR. 3. ED. – RIO DE JANEIRO: WAK ED., 2012.

SMOLKA, A. L. B. (2020). RELAÇÕES DE ENSINO E DESENVOLVIMENTO HUMANO: REFLEXÕES SOBRE AS (TRANS)FORMAÇÕES NA ATIVIDADE DE (ENSINAR A) LER E ESCREVER. REVISTA BRASILEIRA DE ALFABETIZAÇÃO, 1(9). [HTTPS://DOI.ORG/10.47249/RBA2019314](https://doi.org/10.47249/RBA2019314)



FAZERES

A LINHA EDITORIAL FAZERES DESTINA-SE A DIVULGAR PRODUTOS EDUCACIONAIS VOLTADOS AO ESTUDANTE DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM QUE OBSERVE INOVADORISMO NO DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E PERTINÊNCIA NA ABORDAGEM DE OBJETOS DE APRENDIZAGENS.

PERFIL DO AUTOR: PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO;
PÚBLICO-ALVO: ESTUDANTE DA EDUCAÇÃO BÁSICA



NEPE
Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração
Instituto de Abolição Fernando Rodrigues da Silveira

